

O ANTI-HUMANISMO EM BLAISE PASCAL

THE ANTIHUMANISM IN THE BLAISE PASCAL

Joelson Pereira de Sousa

Mestre em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT) e Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
Email: joelson.filo@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar a condição humana na obra *Pensamentos*, de Blaise Pascal (1623-1662), temática amplamente abordada em seus escritos e, por isso, essencial para o entendimento de sua filosofia. As notas que compõem tal obra são de caráter eminentemente provisório, fragmentado, resultante de embates intelectuais, radicalismos e paradoxos veementes, típicos das reflexões que inauguraram a Modernidade. Este trabalho retoma a concepção anti-humanista forjada por Pascal ao refletir sobre as polêmicas relacionadas ao lugar da religião e da ciência, da fé e da razão no pensamento do indivíduo que principia com a modernidade. Além de Pascal, o referencial teórico utilizado nesta pesquisa baseia-se em estudiosos da filosofia pascaliana, como Gérard Lebrun (1983) e Luiz Felipe Pondé (2001).

Palavras-chave: Pascal. Anti-humanismo. Insuficiência.

Abstract: The aim of this paper is to investigate the human condition in the work *Thoughts* of Blaise Pascal (1623-1662), widely discussed theme in his writings and therefore essential to understanding his philosophy. The notes that make this work are eminently provisional, fragmented, resulting in clashes intellectual radicalism and paradoxes vehement, who inaugurated reflections typical of modernity. The paper revisits the concept forged by anti-humanist Pascal to reflect on the controversies related to the place of religion and science, faith and reason in the thought that the individual begins with modernity. Besides Pascal, the theoretical framework used in this research theme is based on the philosophy scholars Pascal, as Gérard Lebrun (1983) and Luiz Felipe Pondé (2001).

Keywords: Pascal. Anti-humanism. Insufficiency.

Introdução

A natureza do homem não consiste em ir sempre em frente;
comporta idas e vindas. (Frag. 72)

Refletir o significado da existência humana é uma tarefa filosófica recorrente em vários momentos da história do pensamento, sendo inegável a vocação da filosofia para tematizar as condições por meio das quais se realiza a vida humana em todas as suas potencialidades. Ao filósofo impõe-se o desafio de pensar a natureza intrínseca e comum a todos os homens, conhecer a essência de suas realizações, buscar o sentido para suas ocupações cotidianas, desbravando corajosamente seu ser ainda em construção.

O século XVII europeu consolida uma nova forma de conceber as ideias sobre o homem, privilegiando a reflexão centrada no próprio indivíduo e nas condições da sua existência. Essa posição tem na elaboração de uma espécie de racionalismo militante sua melhor definição no Racionalismo que influenciou a Modernidade de forma impactante e revolucionária tornando a época moderna um momento singular para o debate de uma questão continuamente presente na marcha histórica da humanidade: o que é o homem?

Tal questão destacou-se com notoriedade nos círculos de conhecimento, despertando interesses em autores como Descartes, Montaigne e Pascal, na França, Bacon, Hobbes e Locke, na Inglaterra. A Modernidade era ainda carente de uma formulação mais apropriada do caráter excepcional que este ser humano assumiria, agora como protagonista de si mesmo e de todo um universo que se abre ao conhecimento e se mostra infinito em possibilidades. Esse novo entendimento sobre os limites do homem representa na verdade o anúncio de um novo homem, que na abordagem feita por Pascal, se mostra dilacerado, transpassado por uma racionalidade científica e atea de um lado, e por uma racionalidade cristã e religiosa, do outro.

O objetivo deste artigo é investigar a condição humana na obra *Pensamentos*, de Blaise Pascal, temática amplamente abordada em seus escritos e por isso essencial para o entendimento da sua filosofia. Seus Pensamentos formam uma obra de caráter essencialmente fragmentário, resultante de embates intelectuais, radicalismos transitórios, contradições ocasionais e paradoxos veementes, típicos das reflexões que inauguraram a modernidade.

Em suas anotações, ao abordar a temática da existência humana, Pascal não chega a sistematizar conceitos ou elaborar com profundidade um esquema acerca da concepção anti-humanista. No entanto, assume uma postura que expressa radicalmente a precariedade do espírito humano frente ao projeto humanista de um homem seguro de si mesmo e frente ao projeto racionalista, com o pressuposto da autonomia do sujeito. Este trabalho retoma a concepção anti-humanista encontrada em Pascal ao refletir sobre as polêmicas relacionadas ao lugar da religião e da ciência, da fé e da razão no pensamento do indivíduo que principia com a modernidade.

1 A questão da religião

Não é possível afirmar que Pascal tenha sido um teólogo ou um filósofo da religião (também não é possível afirmar que não tenha sido); entre as duas possibilidades ele estará sempre à margem, tanto nos manuais de história da teologia quanto nos manuais de história da filosofia.

O fato é que a religião cristã é um acontecimento tardio na vida deste pensador, contudo, suas produções reflexivas representaram já naquela época importantes inovações na forma de entender a fé e a religião. Seu pensamento situa-se numa tênue linha imaginária entre a teologia e a filosofia; suas reflexões serviram tanto para inspirar meditações como para fundamentar outras filosofias mais críticas.

Os escritos de Pascal sobre a religião cristã são estrategicamente direcionados e objetivamente apologéticos, porém, em alguns momentos percebe-se um autor angustiado que rompe seus próprios propósitos em linhas que registram pensamentos em conexão com um sentimento trágico e paradoxal da existência humana.

Segundo Küng (2001, p. 79),

ele se situa em uma frente apologética contra libertinos, livre pensadores e ateus. [...] enfim, também capta com fino olfato os problemas de homem e acaba por chocar – talvez mais que nenhum outro – com o fundamento último da existência humana.

Em Port-Royal, ao lado dos jansenistas, Pascal polemiza sobre temas ligados à religião cristã contra os teólogos da Companhia de Jesus que defendiam a manutenção, no pensamento cristão, da perspectiva escolástica baseada essencialmente nos pressupostos lógicos e racionais do tomismo aristotélico.

Pascal é crítico da religião cristã apresentada nos termos dos racionalismos típicos da abordagem escolástica e da concepção tomista. Essas perspectivas procuravam demonstrar perante uma razão cada vez mais exigente a veracidade das verdades metafísicas, especialmente acerca da existência de Deus.

Desde o século XVII, surgem esforços apologéticos para justificar a religião no mundo moderno porque esta (o cristianismo) se distanciou da evolução histórica do mundo técnico-científico (ZILLES. 1991, p.15).

Essas posturas radicalmente apologéticas soavam cada vez mais inglorias, deslocadas e vazias de sentido, basicamente por não encontrarem lugar entre as elaborações propriamente teológicas e filosóficas, ou ainda, entre as perspectivas da fé e da razão.

Pascal considera que, nesse campo (religião), a primeira e fundamental exigência é a compreensão do homem como tal e que a razão é incapaz de alcançar essa compreensão (REALE; ANTISERI. 1990, p. 599).

Em Pascal, esse entendimento da condição humana ganha status decisivo, tanto para o pensamento filosófico como para a religião. O desta-

que aqui recai sobre o fato de este entendimento ser inacessível à perspectiva racional, sendo que a verdadeira “compreensão do homem como tal” deriva unicamente da fé, um enigma a ser enfrentado por cada indivíduo em sua trajetória pela vida. A fé em Pascal assume a condição de fundo na qual de desenrola as situações limites da tragédia humana, ela não a separada da razão, ao contrário, constitui sobre ela seu próprio fundamento. A razão não explica a si mesma, para isso, é preciso dar lugar à fé.

A partir dessa posição contrária à euforia que acompanha os progressos de uma razão suficiente na modernidade, Pascal, no interior do seu pensamento, manifesta aversão à tradição na teologia escolástica dos argumentos racionais e das provas da existência de Deus. Em outras palavras, Pascal contraria também a posição que aceita submeter a fé às exigências da racionalidade e do raciocínio lógico. Assim, pensadores como Tomás de Aquino e suas *Cinco Vias* para provar a existência de Deus, Anselmo de Aosta e o *Argumento Ontológico*, e por fim, o próprio Descartes, que também invoca toda essa tradição de provas racionais da existência de Deus, são alvos das críticas de Pascal. Que não perdoa o contrassenso de buscar uma religião que se deixa guiar cegamente pela razão, sendo corrompida ao mostrar-se como certeza absoluta apenas quando legitimada pela lógica racional.

Diz Pascal em alguns fragmentos: Caso se devesse apenas fazer coisas com certeza, nada deveria ser feito pela religião, uma vez que ela não oferece certeza (Frag. 577).

As provas metafísicas de Deus encontram-se tão apartadas do raciocínio dos homens e tão embrulhadas que pensam pouco, e, mesmo que isso valesse para alguns, somente valeria no instante em que vissem tal demonstração, uma hora depois, entretanto, receariam ter-se enganado (Frag. 190).

Teria muito mais medo de me iludir e vir acreditar que a religião cristã é verdadeira do que de me enganar por julgá-la verdadeira (Frag. 387). Como se vê, Pascal não admite que uma abordagem racional sobre Deus e a religião cristã, seja levada em conta como elemento constituinte do modo como se manifesta a fé em Deus ou a crença na verdade da religião.

2 Contra o Deus dos filósofos

Permanecendo na temática que discute Deus e a religião cristã, Pascal aponta, a partir de sua própria experiência místico-religiosa, uma distinção que seria vastamente difundida entre outros pensadores, a saber, a controvérsia entre o Deus dos filósofos e o Deus da tradição. No texto que intitulado *Memorial*, de 1654, Pascal escreve sua confissão de fé e assinala sua verdadeira conversão ao cristianismo, dizendo: “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó. Não dos filósofos e dos cientistas” (ATTALI, 2000, p. 156).

Pascal não se contenta com um Deus metafísico. O memorial recorda o *Êxodo*. Procura a certeza não na própria consciência, nem no conceito, numa ideia de Deus, nem no Deus dos filósofos, mas no Deus vivo da Bíblia. Busca o fundamento da certeza na fé (ZILLES. 1991, p. 40).

Nessa confissão de fé, Pascal afirma a distância existente entre o Deus apresentado nos postulados filosóficos e o Deus testemunhado pela tradição bíblica dos patriarcas, dos profetas e discípulos. Aposta na crença fundamentada pela tradição viva do Cristianismo, não na crença que se fundamenta nos argumentos e provas sobre a existência de Deus. Em razão disso, Pascal é radical na crítica contra Descartes:

Não consigo perdoar Descartes, bem quisera ele, em toda sua filosofia, passar sem Deus, mas não pôde evitar fazer com que Ele desse um piparote para pôr o mundo em movimento, depois do quê, não precisa mais de Deus (Frag. 1001).

Após essas considerações, pode-se dizer que em Pascal, “A religião é um dado que está aí e não se funda na filosofia. Não é filosofia. Desde Blaise Pascal, costuma-se opor o Deus dos filósofos ao Deus de Abraão, Isaac, Jacó, ou seja, ao Deus de Jesus Cristo” (ZILLES, 1991 p. 10).

Mais que isso, o pensamento pascaliano eleva a aposta da fé a um nível fundamental para o conhecimento da verdade sobre Deus e sobre o próprio homem. Embora não deixe de se referir às controvérsias que eventualmente poderiam afligir aqueles que buscam tal conhecimento, por isso, sentencia: “pode-se perfeitamente conhecer que há um Deus sem saber o que ele é” (Frag. 418).

3 A dimensão metafísica do homem

O assim denominado projeto de uma Apologia do Cristianismo que é empreendido por Pascal, mesmo interrompido por sua morte prematura, resulta nas notas que compõem a obra *Pensamentos* que, por sinal, visivelmente extrapola o caráter apologético de defesa da fé cristã e transborda para um Tratado da Condição Humana. Em suas anotações, Pascal desenvolve aspectos cruciais do drama que envolve os próprios indivíduos de seu tempo, a saber, o conflito fé e razão que perdura por toda época moderna.

Há uma antropologia independente do projeto apologético de Pascal. E isso se evidencia em passagens como o Frag. 47 que traz à tona o problema do tempo e suas implicações para as decisões que governam a conduta cotidiana dos homens ao longo dos tempos.

Não ficamos nunca no tempo presente. Antecipamos o futuro, por chegar demasiado lentamente, como para apressar-lhe o curso; recordamos o passado, para detê-lo, por demasiado rápido: tão imprudentes que erramos nos tempos que não são nossos e só não pensamos no único que nos pertence; e tão vãos que sonhamos com os que já não existem e evitamos sem reflexão o único que sub-

siste. É que o presente de ordinário nos fere. Ocultamo-lo à vista, porque nos aflige; e, se nos é agradável, lamentamos vê-lo escapar. Tratamos de sustentá-lo pelo futuro e pensamos em dispor das coisas que não estão ao nosso alcance para um tempo que não temos nenhuma certeza de alcançar. Que cada qual examine os seus *Pensamentos*, e os achará sempre ocupados com o passado e com o futuro. Quase não pensamos no presente; e, quando pensamos, é apenas para tomar-lhe a luz a fim de iluminar o futuro. O presente não é nunca o nosso fim; o passado e o presente são os nossos meios; só o futuro é nosso fim. Assim, nunca viveremos, mas esperamos viver, e, dispondo-nos sempre a ser felizes, é inevitável que nunca o sejamo (Frag. 47).

Pascal pensou a dimensão metafísica da existência humana. Para ele, o drama existencial humano é um drama metafísico que pode ser resumido na questão dos extremos relacionados ao tempo: o tempo finito dos homens e o tempo infinito do cosmos. Ou seja, ele aprofunda o sentimento trágico da finitude da vida frente à infinitude da eternidade.

Quando contemplo a pequena duração da minha vida absorvida na eternidade precedente e seguinte – a memória de um hóspede que é recebido por um dia, que passa adiante –, o pequeno espaço que preencho e mesmo que vejo abismado na infinita imensidão dos espaços que ignoro e que me ignoram, apavoro-me e admiro-me por me ver aqui e não lá, pois não existe razão por que aqui e não lá, por que agora e não então. Quem me colocou aqui? Pela ordem e pela intervenção de quem este lugar e este tempo foi destinado a mim? (Frag. 68).

Pascal é, antes de tudo, um filósofo ocupado com o destino do homem. Seu ser temporal e espacial simultaneamente sente que os espaços infinitos o apavoram e o admira, enquanto indaga sobre o seu lugar de destino neste mundo. Escrevendo em um ambiente intelectual que não determina patentes para as linguagens, ele utiliza a linguagem teológica como possibilidade de melhor conhecer a verdade sobre a condição humana.

Posto isso, em relação à posição metafísica assumida no pensamento de Pascal, deve-se considerar a importância do mito hebreu que relata a queda do homem de sua posição de perfeição, narrado no livro de *Gênesis* (Cap. 3), em que a expulsão de Adão e de Eva do Jardim do Éden, além de traduzir com clareza o drama humano, é peça central no desenvolvimento e na compreensão da antropologia pascaliana

Pois, enfim, se o homem nunca tivesse sido corrompido, gozaria com segurança, em sua inocência, tanto da verdade quanto da felicidade. E se o homem só tivesse sido corrompido, não teria qualquer ideia da verdade, ou da beatitude. Mas, infelizes que somos, e mais do que se não houvesse grandeza em nossa condição, temos uma ideia da felicidade, e não podemos alcançá-la; sentimos uma imagem da verdade e só possuímos a mentira: somos incapazes de ignorar em absoluto e de saber com certeza, de tal maneira é manifesto que estivemos num grau de perfeição de que infelizmente caímos! (Frag. 131).

Pascal discute, neste fragmento, a questão da natureza humana, conceito chave para o humanismo, pois expressaria um novo sentido para

o homem na Modernidade. Enquanto os humanistas afirmam a natureza do homem como uma identidade racional que implica na superioridade do homem sobre o cosmos, Pascal apresenta sua decomposição do humano, que consiste em demonstrar as misérias e a insuficiência do homem: “[...] temos uma ideia da felicidade, e não podemos alcançá-la; sentimos uma imagem da verdade e só possuímos a mentira.” A ideia de insuficiência parece demonstrar uma definição pascaliana para o entendimento da natureza humana, apontando para a inconsistência de uma ideia de natureza soberana inerente ao homem, uma vez que, como nas palavras do próprio Pascal: “[...] é manifesto que estivemos num grau de perfeição de que infelizmente caímos!”

E, ainda, complementa sobre esse caráter duplo na natureza humana, antes da queda (perfeição) e depois da queda (insuficiência), “Pois quem não vê que sem o conhecimento dessa dupla condição da natureza estava o homem numa ignorância invencível da verdade de sua própria natureza?” (Frag. 131). Para Pascal, o esquema com duas naturezas revelado pelo mito da queda é a mais completa representação do drama humano na modernidade.

Mesmo entendendo que o pensamento teológico é o que melhor esclarece a condição humana, “Concebamos pois que o homem ultrapassa infinitamente o próprio homem e que era inconcebível para si mesmo sem o auxílio da fé” (Frag. 131). No entanto, esse transbordamento do humano em Pascal resulta na possibilidade da fé, “De maneira que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério é inconcebível para o homem” (Frag. 131), pois somente o mistério profundo da fé é capaz de sondar a essência da condição humana.

4 O erro da ideia de natureza humana

A ideia de natureza humana é a gênese do Humanismo, uma concepção positiva acerca das potencialidades humanas e da sua própria constituição final, especialmente em relação à autonomia do indivíduo como ser pensante e capaz de realizações que o credencia como senhor de seu destino. Ao defender a insuficiência dessa natureza para explicar a condição humana, Pascal apresenta a primeira crítica moderna ao Humanismo, manifestando-se contrário à ideia de uma natureza perfeita, absoluta e inerente ao homem.

Como pode ser visto na obra clássica do humanismo renascentista *De Dignitate Hominis*, de Pico de La Mirandola (1463-1494), o conceito de “homem indefinido” é utilizado para romper com a imagem medieval do homem dominado pelo destino teológico pós-queda e marcado pelo drama do pecado original que o separa da primeira natureza tida como perfeita e incorruptível. Tal concepção negativa, típica do mundo medieval, que destaca a miséria humana é agora negada na modernidade em favor de uma compreensão do homem como dotado de múltiplas potencialidades; ou seja, um ser humano agora ilimitado. A ideia de homem indefinido representa um estado onde o indivíduo se liberta, diríamos em linguagem

contemporânea, do complexo da queda (PONDÉ. 2001, p. 258).

É essa ideia de natureza humana indefinida que sustenta uma antropologia capaz de oferecer suporte ao racionalismo da modernidade, é uma versão do antropocentrismo que apresenta o homem como um ser aberto a tudo, sem nada lhe faltar para governar seu próprio destino. Tudo lhe pertence enquanto atributos e potencialidades a serem desenvolvidas. São esses os aspectos que fazem do humanista um educador.

Esse otimismo antropológico típico da mentalidade moderna é rejeitado por Pascal, pois submete o homem a um sistema de alienação que impede a visão do seu próprio drama. “Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não pensar nisso” (Frag.133). Em Pascal, o destaque da racionalidade, da autonomia e da liberdade como itens positivos da natureza humana, serve apenas para encobrir sua real condição de inconstância e insuficiência. Em outras palavras, o projeto da modernidade resulta de uma alienação do homem em relação a ele próprio,

Seja qual for a condição que se imagine, se se juntarem todos os bens que nos podem pertencer, a realeza é a mais bela posição do mundo e, no entanto, imagine-se o rei, acompanhado de todas as satisfações que lhe podem caber, se estiver sem divertimento e se o deixarmos considerar e refletir sobre aquilo que ele é – essa felicidade lânguida não o sustentará –, cederá necessariamente às circunstâncias que o ameaçam, revoltas que podem acontecer e finalmente a morte e as doenças que são inevitáveis, de modo que fica, sem aquilo a que se chama divertimento, infeliz, e mais infeliz do que o menor de seus súditos que joga e se diverte (Frag. 136).

Como se vê, nem mesmo a mais nobre posição ocupada por um homem, a saber, a realeza, escapa à verdade inevitável da natureza insuficiente. Pensando neste ponto decisivo do confronto com o humanismo e com o intuito de mostrar o alcance da alienação proposta no projeto da modernidade, Pascal desenvolve a noção de divertimento para apontar esta estratégia que despreocupa o ser humano de pensar em si mesmo. O divertimento como alienação se estende a todas as ocupações e preocupações que nos lançam para fora de nós mesmos, fazendo com que pensemos no futuro como nossa finalidade e assim nunca pensemos em nossa condição ao aprofundar no presente, pois

sobrecarregam os homens desde a infância com o cuidado de sua honra, dos bens, dos amigos, e ainda dos bens e da honra dos amigos; acumulam-nos de afazeres, do aprendizado das línguas e de exercícios e se lhes dá a entender que não conseguiriam ser felizes sem que a sua saúde, honra e fortuna, e as de seus amigos estivessem em bom estado, e que a falta de uma única coisa dessas os tornará infelizes. Assim, são-lhes dados encargos e afazeres que os fazem quebrar a cabeça desde o raiar do dia. Aí está, direis, uma estranha maneira de torná-los felizes; que se poderia fazer de melhor para torná-los infelizes? Como, o que se poderia fazer? Bastaria retirar-lhes todas essas preocupações, porque então eles se veriam, pensariam naquilo que são, de onde vêm, para onde vão, e assim nunca é demais ocupá-los e desviá-los disso. E eis por que, depois de preparar-lhes tantos afazeres, se ainda tiverem algum tempo livre, aconselha-se que o empreguem em se divertir, e jogar, e ocupar-se sempre por inteiro (Frag. 139).

É justamente nessa medida descrita por Pascal que o divertimento passa ao nível de alienação, já que elimina todas as ocasiões nas quais nos sentimos existir. O divertimento é o desvio de si mesmo para evitar a consciência da miséria e da insuficiência de nossa condição. Para Pascal, a natureza humana empiricamente observável deve ser recusada em sua totalidade, pois resulta de ocupações cotidianas que objetiva nos desviar da real condição de insuficiência da qual participa todos os homens.

Todavia, vale lembrar neste instante, que está em jogo no embate entre humanismo e anti-humanismo, a construção de uma autoimagem que deverá guiar o homem a partir da era moderna. Assim, é no seio de um processo de construção de identidade que se dá a discussão.

O anti-humanismo em Pascal está no resistir a si mesmo, representado pela recusa do divertimento – alienação sofisticada – e pela proposta de encarar a miséria, vivenciar o desespero, apostar em uma outra solução que não seja o amor a si, no cultivo do Narciso que nos tornamos. Pascal propõe o esforço para não fugir da consciência de nossa fraqueza e miséria; enfim, é preciso viver esse desconforto existencial no qual existimos. Ao invés de tentar dissipar os paradoxos, aprofundá-los e examiná-los em todos os sentidos, pois o importante não é resolver um problema, mas remontar até o ponto em que o problema pode se formar, ou seja, tornar pensável o paradoxo (LEBRUN. 1983, p. 73).

Essa questão nos aproxima definitivamente do caráter dialético da filosofia pascaliana, ao sugerir a problematização dos paradoxos que abarcam nossa existência e o entendimento de um tipo verdade que pode ser relativa e também absoluta ao mesmo tempo. A contradição entre finito e infinito, autonomia e insuficiência, miséria e grandeza que marcam o pensamento pascaliano se resolve no movimento próprio do conhecimento, que partindo de conhecimentos finitos busca a ascensão a uma verdade absoluta. Em Pascal não há conceito que não seja momento de uma transformação, especialmente quando esses conceitos estão na órbita da natureza humana.

Considerações finais

O pensamento de Pascal sobre o homem é um dobrar-se sobre a dimensão metafísica da existência humana. Parece-nos uma busca constante em compreender o destino trágico no qual existe o ser humano. Engana-se quem vê em Pascal um pensador de método, ou um sistemático que prioriza a resposta ante a pergunta, a solução ante o problema. Pascal detém-se no conhecimento do drama existencial, desse homem antropologicamente insuficiente que vaga entre espaços infinitos e silenciosos. Pascal quer tornar pensável o paradoxo desta existência confusa e dividida entre os fundamentos metafísicos e racionais. Seu anti-humanismo não é outra coisa que não a negação da suficiência do homem, enquanto indivíduo autônomo e seguro de si mesmo, que aparece no projeto humanista da modernidade e que em sua época culmina com o sujeito cartesiano.

No âmbito deste estudo, buscou-se aproximar as questões mais gerais do pensamento pascaliano com a temática do anti-humanismo, que a princípio não se deixa revelar explicitamente, mas que antes percorre toda obra *Pensamentos* servindo de ponto de partida para a crítica da religião, da epistemologia e da própria antropologia.

O primeiro momento de caráter introdutório restringiu-se ao aprofundamento da época em que viveu Blaise Pascal. Indicando possíveis aproximações entre a sua obra e alguns acontecimentos do século XVII e também explorando os diversos aspectos da tradição interpretativa acerca dos *Pensamentos*. Pascal é um pensador contra a corrente estritamente racionalista que predominava nos círculos de conhecimento no século XVII. Em seguida, buscou-se a reflexão sobre as ideias que estavam em debate no século XVII. Trata-se de uma tentativa de pensar o ser humano em relação ao conhecimento de Deus, do mundo e de si mesmo. Sendo que, em alguns momentos essa discussão é intensificada a fim de refletir também a questão do humanismo, do teocentrismo e do antropocentrismo.

O ponto decisivo deste trabalho aborda a problemática do anti-humanismo nos *Pensamentos*. Por mais que essa temática seja diluída ao longo de todo o texto, procurou-se concentrar as atenções em alguns fragmentos que especificavam a postura antropológica pascaliana, sobretudo, os textos que se relacionavam à religião, à dimensão metafísica do homem e à ideia de natureza humana. Sendo assim, ao abordar as questões mais globais do pensamento de Pascal, mantivemos sempre a preocupação de levar a discussão para o âmbito filosófico; posicionando a questão do anti-humanismo pascaliano como tema central e recorrente ao longo do texto.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. SP: Martins Fontes, 2000.
- ATTALI, Jacques. *Blaise Pascal ou o gênio francês*. Bauru/SP, EDUSC, 2003.
- GOLDMANN, Lucien. *Le dieu caché*. Paris, Editions Gallimard, 1955.
- KUHN, Tomas. *A estrutura das revoluções científicas*. SP: Perspectiva, 2001.
- LEBRUN, Gérard. *Pascal*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Coleção Os Pensadores. SP: Nova Cultural, 1999.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo, EDUSP, 2001.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do humanismo a Kant*. São Paulo: Paulus, 1990.
- ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.
- _____. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991.